

O Deus do arco-íris: a teologia pela ótica da diversidade sexual

*The God of rainbow:
the theology from the perspective
of sexual diversity*

André Luís da Rosa

Doutorando em Ciências Humanas
pelo PPGICH/UFSC
e-mail: andredarosa@hotmail.com

Javier Ignacio Vernal

Doutorado em Filosofia (UFSC)
e-mail: jivernal@gmail.com

JURKEWICZ, Regina Soares (Org.).
Teologias fora do armário:
teologia, gênero e diversidade sexual.
Jundiaí: Max Editora, 2019. p. 148.

16

A ONG Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) é a principal organização que tem atuado na luta pelos direitos das mulheres a partir de um discurso teológico católico. Esta organização tem tido um papel central no trabalho realizado para questionar o discurso do conservadorismo católico no campo dos direitos sexuais e reprodutivos na América Latina, e em particular nos casos do México, Colômbia e Brasil. Conforme Alba Rubial (2014), essa organização apresenta um discurso dissidente da hierarquia católica, que interpela o catolicismo a partir de seu interior e desestabiliza a ideia de que a única interpretação congruente com a tradição católica é a defesa do modelo tradicional de família e a consequente proibição ao aborto e a resistência ao avanço dos direitos sexuais. Devido ao seu objetivo inicial, as CDD centraram-se nos direitos das mulheres, dando menos atenção aos direitos LGBT+. Nesse sentido, a obra *Teologias fora do armário: teologia, gênero e diversidade sexual*, organizada por Regina Soares Jurkewicz, foi lançada com o objetivo de suprir uma lacuna na reflexão teológica em relação à temática da diversidade sexual.

O livro inicia com o capítulo *O coração, a santa e a dádiva: contribuições teológicas de corpos fora-da-lei* (p. 10-33), de Cristiana de Assis Serra. Nele, a autora começa apresentando o caso da travesti Quelly da Silva que foi assassinada em Campinas, São Paulo, na noite de 20 de janeiro de 2019. Depois de morta, ela teve o peito aberto com cacos de vidro e o coração arrancado pelo criminoso, que deixou uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida sobre o cadáver. Com este caso ela reflete sobre como muitas vezes argumentos religiosos derivados de credos diversos são utilizados para justificar e produzir agressões, exclusões, manifestações homofóbicas de diferentes ordens e violências em geral. O coração de Quelly, arrancado em troca de uma santa de gesso, é a metáfora perfeita dessa violência, mas Quelly e tantas outras não são uma metáfora. Por isso, Serra realiza uma série de críticas à moral cristã tradicional, que faz do celibato uma condenação a todos os LGBT+.

sem nenhuma liberdade de escolha. Isso fragmenta a pessoa entre o que ela sente e o que faz, pois condena os LGBT+ a uma vida de privações e sofrimentos, sem direito à alegria e ao prazer, onde o próprio corpo é um inimigo, apenas por sua orientação sexual.

No segundo capítulo, *Gêneros e sexualidades: um olhar através da História* (p. 36-54), Bruna David de Carvalho e Leandro Noronha da Fonseca traçam um olhar sobre a história da sexualidade, relacionando-a com o cristianismo. Para eles, com a ascensão do monoteísmo – exemplificado na Igreja Católica – temos o início do culto a um Deus masculino, o que garantiu a sustentação do patriarcado branco e cristão. Em primeiro lugar, os autores apresentam as mulheres como vítimas deste sistema, que foram consideradas como as outras da história hegemônica masculina, sendo elas essenciais apenas para a perpetuação da humanidade, porém não essenciais para o funcionamento dos esquemas sociais como um todo, e, então, presas em ambientes domésticos.

Para a manutenção do patriarcado cristão, as autoras destacam a Santa Inquisição. Ela foi institucionalizada durante o século XIII e consistia na perseguição de comportamentos considerados como perigosos para a doutrina católica, mas principalmente era responsável por julgamentos de condutas sexuais e morais desviantes, como práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Portanto, através da Santa Inquisição e seus tribunais do Santo Ofício, a Igreja Católica durante séculos manteve a repressão física e subjetiva de comportamentos contra hegemônicos, sejam eles religiosos, sociais ou sexuais. Já, durante a modernidade, as autoras, valendo-se da reflexão de Foucault em *História da Sexualidade I – A vontade de Saber* (1976), destacam que a partir do século XVII houve uma incitação das instituições para que se falasse do sexo. Foucault ainda cita o sacramento da confissão como elemento importante para a enunciação favorável ao sexo, principalmente após o Concílio de Trento, no século XVII. A prática da confissão tornou o Ocidente uma sociedade altamente confissanda, que enuncia o sexo por meio de instituições como a justiça, a medicina e a

pedagogia, especialmente a sexologia que nos séculos XIX e XX produziu a institucionalização da heterossexualidade. Assim, confissão e discurso científico se perpetuam como duas formas de produzir a verdade, classificando a homossexualidade não para marcar positivamente uma forma de utilizar o corpo e de se relacionar, mas para colocá-la no campo da anormalidade, em contraposição a uma “heterossexualidade” que deveria ser seguida como norma.

O capítulo *Direitos sexuais, direitos reprodutivos e outros direitos: uma conversa breve para lembrar coisas Importantes* (p. 56-71), de Ivone Gebara, uma importante pioneira da teologia feminista brasileira, como de costume em suas obras, realiza duras críticas à teologia masculina católica. Para a teóloga, a organização hierárquica masculina da Igreja Romana e os conteúdos de sua doutrina legitimam a estrutura patriarcal e heterossexista da nossa sociedade. Por isso, Gebara pensa uma nova forma feminista de ler a bíblia, onde não se deve afirmar de forma categórica a Bíblia como a ‘Palavra de Deus’, deve-se devolver à Bíblia suas múltiplas culturas e intenções, suas múltiplas escrituras e traduções/traições. Pois, muitas mulheres e LGBT+, ao se aproximarem da Bíblia descobriram nela algumas armadilhas que os mantinham como cidadãos de segunda categoria.

Em nome do Deus da Bíblia proibiram às mulheres de estudar, de votar, de produzir literatura. Obrigaram-nas a submeterem-se aos desejos e vontades dos homens, a terem filhos contra a sua vontade, a não falar nas assembleias, etc. O mesmo se pode dizer dos LGBT+ que foram proibidos de serem quem são. Diante desta realidade, Gebara questiona os leitores sobre quais as necessidades humanas de tornar um texto, ou uma pessoa, ou uma ideia, ou uma utopia imaginária referência sagrada para nossas ações no mundo. Sua resposta é que inventamos autoridades sobre nós para justificar nossa própria autoridade. Assim, a Bíblia é vontade masculina e heterossexual sobre as mulheres e LGBT+.

O capítulo *Legitimação da violência contra as mulheres no discurso religioso hegemônico* (p. 74-90), de Tabata Pastore Tesser, analisa alguns discursos do cristianismo que silenciaram a voz das mulheres e aprisionaram seus corpos por séculos. Para ela, a Igreja é um lugar de domesticação dos corpos das mulheres através da fé. A Igreja Católica, sua hierarquia e discursos continuam sendo o principal obstáculo para a vigência dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Por isso, um dos papéis da teologia feminista é questionar como algumas doutrinas da Igreja Católica colocam as mulheres em contextos de violência, sendo necessário e urgente denunciar o agressor que utiliza do status espiritual e do lugar de poder para propagação e reprodução dessas violências.

Ela apresenta duas doutrinas: a primeira é a do casamento heterossexual *indissolúvel* entre um homem e uma mulher. Ou seja, o casamento terá de ser com a mesma pessoa e por toda a vida até a morte. Fato que obriga as pessoas a esforçarem-se ao máximo para a manutenção do matrimônio. Além disso, no casamento cristão, existe uma aceitação que é romantizada de que o corpo das mulheres é propriedade dos maridos e a subserviência a eles é obrigatória. Esta doutrina faz com que muitas mulheres suportem a violência doméstica em nome da fé. A segunda doutrina é a da *maternidade compulsória*, pois, no casamento cristão, a função do corpo da mulher é a procriação, retirando os seus direitos reprodutivos. Por isso, para Tesser, essas doutrinas, ao não reconhecerem que o modelo de família cabe às mulheres solteiras, às que não desejam ter filhos e às lésbicas, sobre uma justificativa de família tradicional, legitimam a violência simbólica através do discurso religioso.

Em *Feministas lésbicas pioneiras na religião: uma forte fundação da teologia LGBTI+* (p. 92-112), Mary Hunt apresenta como a teologia feminista lésbica deu sustentação para o surgimento de uma teologia LGBTI+/Queer. Ela pontua no decorrer do texto os avanços de cada teologia progressista, mas também os seus limites, que levaram à necessidade de desenvolver outras reflexões que abarcassem as experiências

queer. A Teologia da Libertação pregava a libertação socioeconômica, deixando de lado as questões de gênero e sexualidade e mantendo uma concepção patriarcal de Deus. A Teologia Feminista, em seu período inicial, avançou incluindo na pauta teológica os direitos das mulheres, porém, manteve o binarismo homem-mulher como natural. A Teologia Gay contribuiu com as reflexões sobre a sexualidade, mas estava centrada na experiência gay masculina.

Assim, a teologia feminista lésbica surgiu sob a bandeira de que as mulheres lésbicas têm suas próprias vozes e suas próprias contribuições a fazer. Elas argumentam que a exclusão das lésbicas da religião não se dá propriamente por causa da questão da sexualidade, mas sim do poder. Como no casamento cristão a mulher é propriedade do homem, as relações sexuais entre duas mulheres apresentam a possibilidade única de igualdade entre as parceiras, libertando-se do domínio dos homens. Também foi a teologia lésbica que começou a questionar o binarismo de gênero, pensando as novas maneiras das condições afetivo-sexual e identidades de gênero que estão emergindo, valorizando as experiências de cada forma de sexualidade LGBT+ como únicas e importantes.

Por último, a coletânea traz a contribuição de André Musskopf, em *Teologias Gay/Queer* (p. 114-146). Nela, o autor apresenta as diferentes fases de formação da Teologia Gay. Seu primeiro momento é classificado por Musskopf como uma *teologia sobre a homossexualidade*, na década de 1950, com os esforços de desconstruir os textos de terror da bíblia associados e interpretados como condenação da homossexualidade. Mas foi a partir dos anos 1970 que uma produção sistemática e uma corrente teológica propriamente dita começou a se formar. A Teologia Gay surge, neste contexto, como um novo discurso procurando articular, teologicamente, as reivindicações do Movimento de Libertação Homossexual, desenvolvendo uma *Teologia Gay da Libertação*. Um outro momento que marcou a reflexão teológica gay foi o surgimento da epidemia da aids, que aparece como prova ou exemplo da descartabilidade

da comunidade gay para a sociedade conservadora. Neste período, os teólogos gays buscaram desconstruir os discursos religiosos fundamentalistas que a consideravam como um castigo divino para purificar a sociedade e focaram a luta contra a morte como possibilidade de uma vida mais plena.

Segundo Musskoff, a epidemia da Aids marcou não apenas uma mudança profunda na organização do Movimento de Libertação Homossexual, mas também na produção teológica gay, abrindo caminho para que modos *estranhos* e *indecentes* (queer) fossem assumidos na teologia, surgindo, na década de 1990, a Teologia Queer. Esta teologia está na tensão entre abrir mão de uma teologia fundada em identidades e experiências estáticas. Ela tenta articular um discurso teológico desde a fluidez, a mobilidade, a ambigüidade, a multiplicidade no campo das identidades sexuais. Assim, a Teologia Queer, partindo deste referencial, apropria-se de uma metodologia que expõe as contradições de uma sociedade e de uma religião fundadas no heterocentrismo, desestabilizando este sistema pelo reconhecimento de práticas que rompem as fronteiras do território heterocentricamente demarcado nos corpos.

Todo o livro nos faz perceber que as teologias desenvolvidas pelos religiosos progressistas acompanham as lutas dos movimentos sociais e os desdobramentos das teorias feministas e de gênero – da Teologia da Libertação para a Teologia Feminista, Teologia Gay e Lésbica e Teologia Queer. As CDD já possuem uma extensa produção teológica, mas esse livro destacasse como um novo marco em sua história, com o reconhecimento de que a teologia feminista desenvolvida em seus princípios também foi construída sobre a matriz heterossexual. E, conforme a teórica feminista Adrienne Rich (2010, p. 19), trabalhando com o conceito de *heterossexualidade compulsória*, ele deve ser um convite para “encorajar as feministas heterossexuais no exame da *heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres* e, portanto, a mudá-la” (grifo nosso). Enquanto que a Igreja Católica, com sua doutrina patriarcal,

é uma instituição que realizou a exclusão total das mulheres, pois como reflete a teóloga Uta Ranke-Heinemann (2019), com a promulgação do celibato obrigatório para os padres, as mulheres foram excluídas até da possibilidade de serem esposas deles, a Igreja é para as mulheres apenas uma extensão do espaço doméstico: são faxineiras, cuidam dos padres, são secretárias, enfeitam as igrejas, mas não podem participar de nenhuma instância de poder e decisão (Gebara, 2017, p. 89).

Mesmo as mulheres sofrendo com a heterossexualidade compulsória, suas principais vítimas são as pessoas que possuem sexualidades dissidentes da heterossexualidade. A feminista lésbica Monique Wittig (1980, p. 2), desnaturalizando a heterossexualidade, a entende como uma ideologia e a denomina de *pensamento hétero*. Este pensamento toma como certo, alegando dizer a verdade num campo apolítico e a-histórico, que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade, oprimindo lésbicas, bissexuais, homossexuais, transexuais. Baseado no pensamento hétero, o cristianismo cometeu diversas atrocidades contra LGBT+, com muitos homossexuais e lésbicas queimadas na fogueira durante toda a história (Ranke-Heinemann, 2019, p. 392). A teologia cristã em relação aos LGBT+ não foi apenas letra morta, mas transformou-se em leis que os condenavam à morte. Hoje, no Ocidente, a Inquisição ganhou outras formas, com a luta pela restrição dos direitos LGBT+ e a constante difusão da ideia da diversidade sexual como antinatural, aberração, pecado, causando muitos problemas psicológicos em LGBT+ que vivem nestes ambientes, além de crimes de violência física não praticados pelas instituições cristãs, mas motivados por seus discursos.

Também destaca-se que a Teologia Gay, Lésbica e Queer tem utilizado, como fica explícito neste livro, as reflexões de Foucault sobre a sexualidade para repensar a teologia. A questão de Foucault sempre foi partir de um fato contemporâneo e dele extrair as origens históricas possíveis, a fim de se desfazer, de um lado, de um essencialismo a-histó-

rico que postula a existência de prática naturais e necessárias e, de outro lado, da inércia política e social que resulta desse postulado (Manicki, 2012, p. 58). Nesse intento, a partir de *História da sexualidade I – A vontade de saber* (1976), ao definir a sexualidade como um dispositivo histórico do poder, Foucault argumentou que ela não é um aspecto ou fato natural, mas uma categoria da experiência humana que foi construída e que tem origens históricas, sociais e culturais (Spargo, 2017, p. 15). Propriamente sobre a experiência cristã da *carne*, Foucault realizou uma genealogia da moral sexual cristã em *Historia de la sexualidad IV – Las confesiones de la carne* (2018), identificando suas raízes históricas na filosofia helenística e no estoicismo, com a apropriação de muitos elementos destas filosofias pelos Padres da Igreja, porém, na experiência cristã a sexualidade tornou-se um mal em si mesma.

Quanto à homossexualidade, o cristianismo adotou a repulsa do povo hebreu à ela. Realizou-se no cristianismo uma leitura fundamentalista dos textos bíblicos, sem levar em consideração as raízes históricas dos mesmos, como demonstrou a leitura histórico-crítica, que os textos da Bíblia que condenam a homossexualidade não dizem respeito propriamente as relações sexuais homoafetivas. Por exemplo, no Levítico proibiu-se as relações homossexuais para repovoar o povo hebreu após o exílio na Babilônia, em Sodoma e Gomorra o que estava em questão era a lei judaica da acolhia, e em Paulo a proibição possuía uma motivação religiosa para diferenciar os cristãos dos pagãos, que realizavam orgias nos cultos aos seus deuses (Beson, 2015, p. 61-70). Portanto, a metodologia genealógica de Foucault (1977), investigando as relações entre poder, saber e verdade, nos leva a questionar todas as verdades que são tomadas hoje como universais e absolutas, mas que surgiram em um contexto histórico específico, como a condenação da diversidade sexual pelo cristianismo.

Referências

- BESON, Claude. *Homossexuais católicos: como sair do impasse*. São Paulo: Loyola, 2015.
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FOUCAULT, Michael. *Historia de la sexualidad IV – Las confesiones de la carne*. España: Siglo XXI, 2018.
- FOUCAULT, Michael. *Poder e saber*. Entrevista a S. Hasumi. 1977. Disponível em: <[https:// pt.scribd.com/document/379818761/001-FOUCAULT-Michel-Poder-e-Saber](https://pt.scribd.com/document/379818761/001-FOUCAULT-Michel-Poder-e-Saber)>. Acesso: 25 jan. 2020.
- GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.
- MANICKI, Anthony. Técnicas de si e subjetivação no cristianismo primitivo: uma leitura do curso *Do governo dos vivos*. In: CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de (Orgs.). *Foucault e o cristianismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 73-92.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: a Igreja Católica e a sexualidade – de Jesus a Bento XVI*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos Gays*, Natal, n. 05, p. 17-44, 2010.
- RUBIAL, Alba. Feminismo frente a fundamentalismos religiosos: mobilização e contramobilização em torno dos direitos reprodutivos na América Latina. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 14, mai./ago., p. 111-138, 2014.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero*. 1980. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero_pdf.pdf>. Acesso: 25 jan. 2020. O Deus do arco-íris: a teologia pela ótica da diversidade sexual